

A PREFERÊNCIA PELA INUMAÇÃO NAS NECRÓPOLES ROMANAS DOS SÉCS. III - IV D.C. DO MUNICÍPIO DE PENAFIEL (NORTE DE PORTUGAL)

Teresa SOEIRO¹

ABSTRACT

Since the end of the 19th century and through the following century, several Roman cemeteries, mostly dating from the Later Roman Empire, have been found in the region of today's Penafiel Municipality located on the Southern end of the *Callaecia Bracarensis*. These necropolises were part of settlements of different types, such as the fortified settlement of Monte Mozinho which had been reoccupied during those late chronological ages. Or they could be part of villages and scattered clusters of small holdings characterized as open nucleus of various sizes, situated halfway up the hillside and in the lowlands more fit for farming.

Bracara Augusta, the polarizing centre of the new administration, acted as a reference for the whole region. Besides the proximity to this capital city, the sites were located not far from the road connecting the aforesaid city to *Emerita*, and they were certainly well served by a network of branch roads and by inland navigation along the river Douro. In the immediate vicinity stood populated secondary centres, which were considered important in the late period of the Roman Empire, such as *Magnetum* and *Tongobriga* or even Porto and Cale, a main maritime interface for inland waterways navigation. In this study, we debate the preference given to inhumation as a common burial practice that became predominant from the last quarter of the third century AD onwards, regardless the type of settlement to which the cemetery could be attributed. This fact stands out in contrast with the custom of cremation, the prevailing Roman model adopted by the north-western Hispanic peoples since the transition to the new era. However, the previous Iron Age practices are not known, seeing that no burial grounds have been uncovered that would correspond to the large number of well researched fortified settlements. Based on study cases, we show chronological evidence for this changing from incineration to inhumation.

Additionally, we will summarize the main features of the necropolises located outside the limits of the inhabited areas. In some of these cases, the related burials are laid out rather close together and distributed in a slightly structured way. We describe the human remains interment and laying down practices that have been identified, covering the preparation of the grave (that could have a retaining wall or consist of a mere rectangular hole dug in the ground) as well as the variety

of physical protection of the bodies, including wooden coffins and maybe also leaden ones, funerary beds of wood, woollen and linen blankets to wrap the corpses—these details being based on the evidence obtained from archaeological excavations at Monte Mozinho (Oldrões, 1974-1975), Montes Novos (Croca, 1987-1988) and Monteiras (Bustelo, 1993-1995).

There is a profusion of funerary furniture found at these cemeteries, mainly pottery/ceramics along with a few pieces of fine wear, glass objects and metal artefacts, although coins were frequently uncovered there too. Despite the apparent relative homogeneity, with some manifestation of gender distinction suggested, for example, by the presence of necklaces, the excavated ensembles are revealing in terms of the movement of goods, tastes and attitudes prevailing in the far end of the Western Roman Empire.

But these archaeological ensembles are, moreover, contributing to enhance the value of numerous Roman ceramic wares and other materials collections, generally similar to the ones now studied, that are kept at the Municipal Museum of Penafiel for a long time, only labelled with the indication of their origin and scarce contextualization of the finding just like it is common in all other museums of the region. Notwithstanding the lack of sufficient information, these collections due to their large number alone bear witness to the intense and scattered occupation of the territory incorporated in the world view of the Empire.

Keywords: Roman, inhumation, Penafiel, burial.

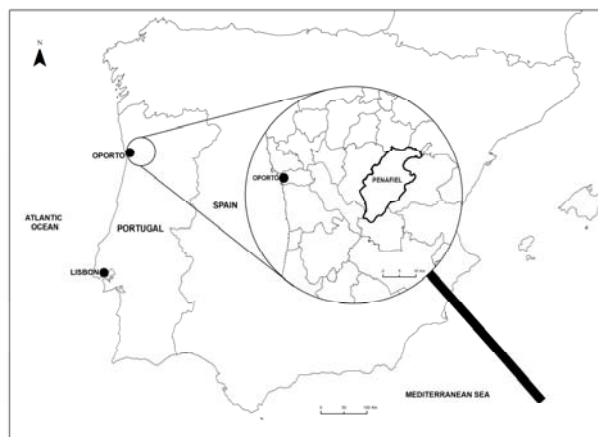


Figura 1 - Localização do Município de Penafiel.

¹ Universidade do Porto - Faculdade de Letras
CITCEM - Centro de Investigação Transdisciplinar «Cultura, Espaço e Memória» msocero@letras.up.pt

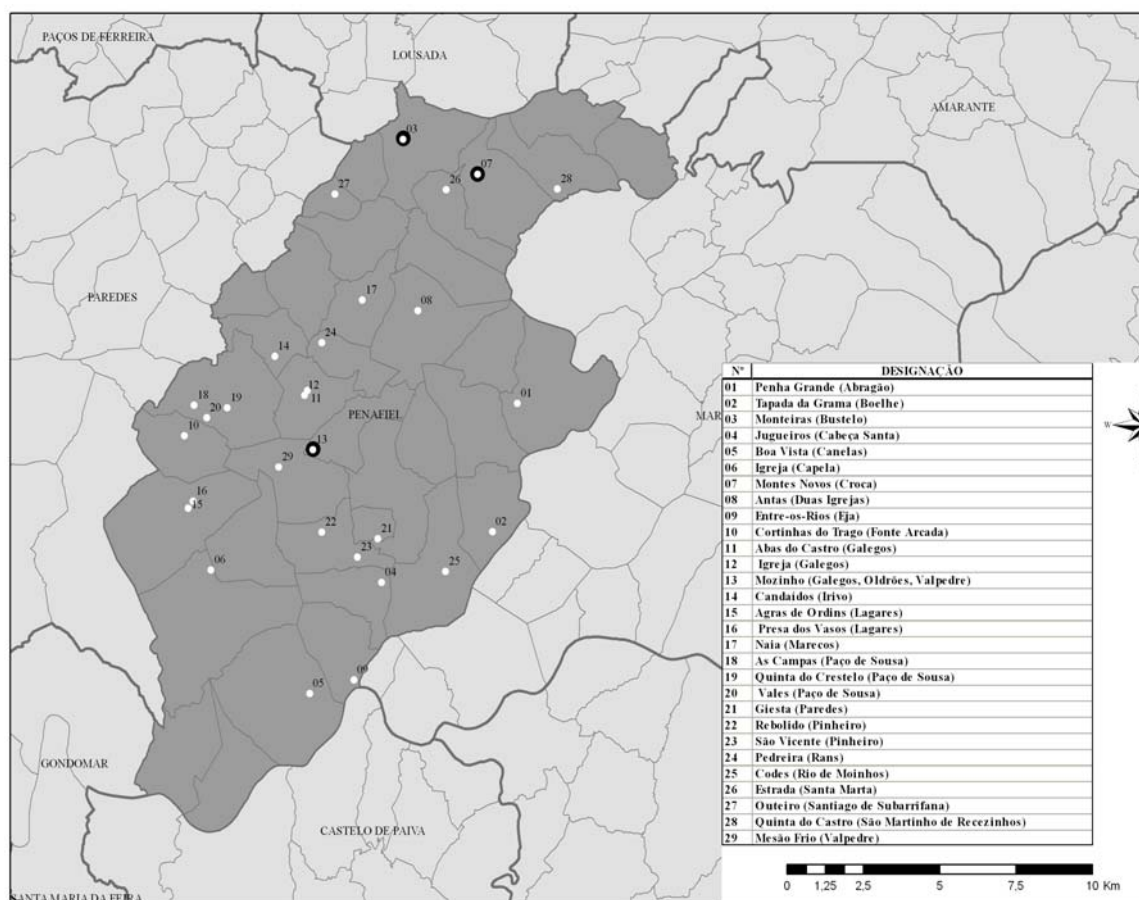


Figura 2 - Ocorrência de necrópoles romanas no Município de Penafiel (des. L. Sousa)

1. Necrópoles romanas do Município de Penafiel

Na área do actual município de Penafiel, localizado no extremo sul da *Callaecia* bracarense, sobre o rio Douro e a uma trintena de quilómetros do Atlântico, foram descobertas diversas necrópoles romanas - vinte e nove comprovadas - quase todas datadas do baixo-império. Fariam parte de povoados de diferentes tipos, como o Castro de Monte Mozinho, reocupado nestas cronologias tardias, ou possíveis aldeias e casais dispersos, caracterizados como núcleos abertos, de diferentes dimensões, instalados a meia encosta e nas terras baixas mais vocacionadas para a exploração agrícola.

As notícias sobre estes achados arqueológicos acumularam-se desde finais de oitocentos, perdidos que foram muitos dos espólios pelo menos até à década de 30 do século XX quando, no afã de colecionista e promotor do Museu Municipal, Abílio Miranda os começou a preservar, como também fez, em menor escala, o seu contemporâneo Monteiro de Aguiar. As intervenções arqueológicas programadas tiveram início em 1974, pela mão de Carlos Alberto Ferreira de Almeida, que centrou o seu trabalho no Castro de Monte Mozinho, incluindo uma abordagem à extensa área de necrópole.

A colecção do Museu Municipal foi assim construída ao longo de décadas, e dela fazem parte o remanescente dos espólios de várias necrópoles romanas, não intervencionadas arqueologicamente, bem assim como algum material resultante de acções de salvamento mais recentes. Núcleos com particular relevância, por derivarem de campanhas arqueológicas, são os recolhidos nas necrópoles de Monte Mozinho (Oldrões) desde 1974, Montes Novos (Croca) com escavação iniciada em 1987 e Monteiras (Bustelo) onde os trabalhos decorreram de 1993 a 1995. Estes três últimos sítios serviram de referência à reflexão feita nesta comunicação.

2. A(s) necrópole(s) de Monte Mozinho

O Castro de Monte Mozinho é um povoado fortificado de altura localizado no centro do município, sobre uma via natural, o vale que o atravessa na direcção norte-sul, desembocando no Douro. Foi ocupado em época romana, desde o momento da conquista até à antiguidade tardia. Apesar do período de maior densidade do edificado para habitação ser o inicial, o tecido urbano ganha riqueza nas décadas finais do século I e início do II d.C., para depois se ver parcialmente abandonado.

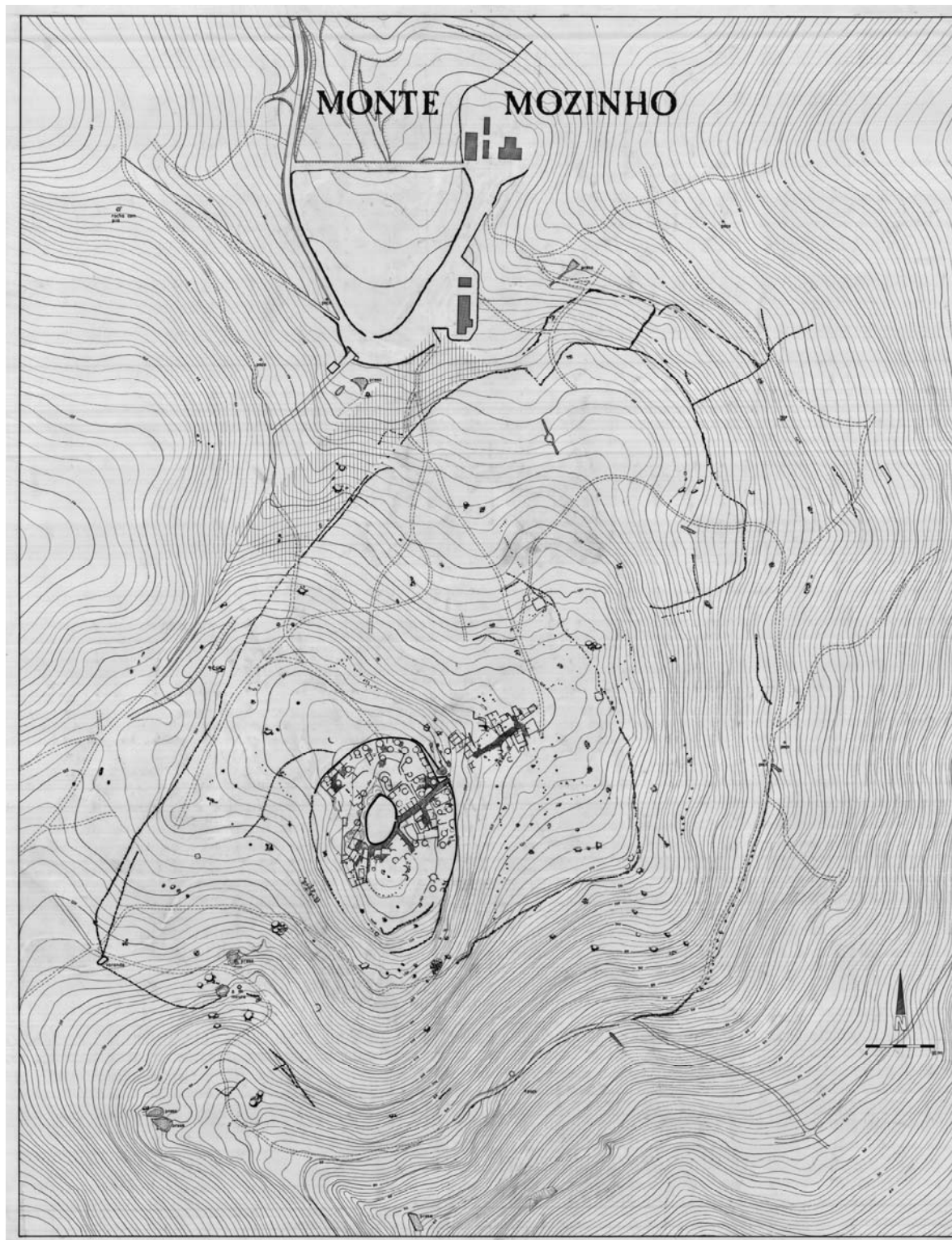


Figura 3 - Planta do Castro de Monte Mozinho com o zonamento da área da(s) necrópole(s) (MMPNF)

A reocupação do baixo-império desprezou o topo do monte, implantando-se ainda dentro da velha muralha mas nas plataformas médias e baixas, reformuladas pela construção de infra-estruturas e casas de habitação romanas².

O espaço cemiterial de Mozinho alonga-se bordejando a muralha exterior pelo noroeste. Foi em grande parte pilhado no início do século XX, e com particular persistência entre 1930-31, o que originou a reacção dos eruditos locais, materializada na publicação pedida a José de Pinho³ e na recolha de vasos destinados ao futuro

² SOEIRO, Teresa – *Monte Mozinho. Sítio arqueológico*. Penafiel: Museu Municipal, 2ª ed., 2005.

³ PINHO, José de - A necrópole calaico-romana do Mòsinho. *Penha-Fidelis*. Penafiel, vol. 2 (1931).

museu. O espólio apontava para uma cronologia alargada, da segunda metade do séc. I ao IV.

Aquando do início das escavações arqueológicas de 1974, foi programada uma intervenção na área da necrópole para avaliar o seu potencial. As breves sondagens depararam com as sepulturas de inumação que agora nos interessam, datadas por cunhagens até 351-54, e com uma estela funerária, embora deslocada. No ano seguinte, nova sondagem, mais próxima da muralha, resultou na descoberta de incinerações, das quais uma se torna particularmente interessante para ajudar a balizar o intervalo em que decorreu a alteração da prática funerária, pois continha um numisma de Severo Alexandre (231-235)⁴.

Em 2002, durante as escavações dirigidas por Teresa Pires de Carvalho, um enterramento voltou a surgir junto da muralha exterior, pelo lado de fora, numa área que está na sequência das precedentes⁵. Nos dois anos seguintes a escavação desta encosta recuperou outras dez sepulturas de inumação, dispostas em direcção SE/NW, que foram atribuídas ao séc. IV. Em intervenção de emergência cerca de quarenta metros afastada das anteriores, viria a ser escavado um grande número de incinerações datadas da época flávia⁶.

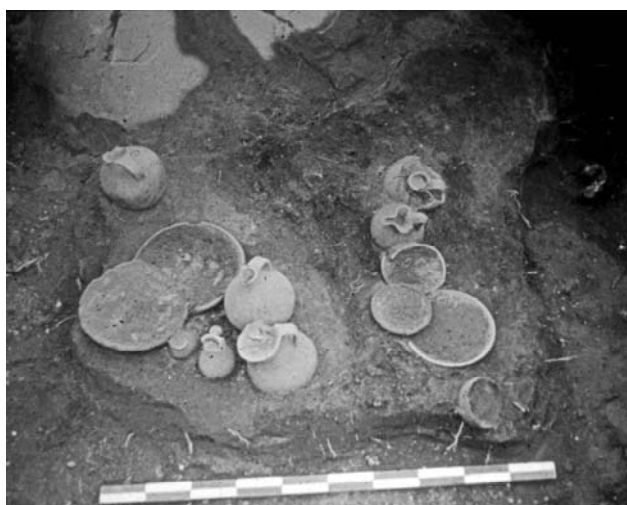


Figura 4 - Sepulturas de incineração de Mozinho/75

As inumações de Monte Mozinho apresentam-se quer sob a forma de covas sub-retangulares abertas na terra e/ou saibro (escavação de 2002 e 2004), que poderiam conter caixões de madeira de que nos restam as dobradiças e pregos (190 a 250 x 70 a 100cm), quer como covas estruturadas com parede de suporte em alvenaria e

cobertura de lousa ou, num caso, de lousa e telha (escavação de 2003). Estão particularmente bem definidas três sepulturas descobertas em 1974, que jaziam a uma cota mais funda. Todas são retangulares (215x65; 190x60; ±120x45cm) e estruturadas com caixa em alvenaria, sendo que duas apresentam prolongamento lateral, a um nível elevado, formando nicho ou prateleira que não é fechado no topo oposto à sepultura. No fundo, uma era forrada com grandes lajes de lousa, outra por fragmentos de parede de dólito tardio. São também placas de lousa, mais pequenas, que constituíam a cobertura plana da primeira, enquanto pedras de granito fechariam a outra, sendo as juntas colmatadas com fragmentos de dólito. Dobradiças e pregos recolhidos no interior sugerem que o defunto seria colocado em caixão de madeira. Proveniente das terras revolvidas pelas pilhagens, existe um fragmento de placa de chumbo também de um possível caixão.

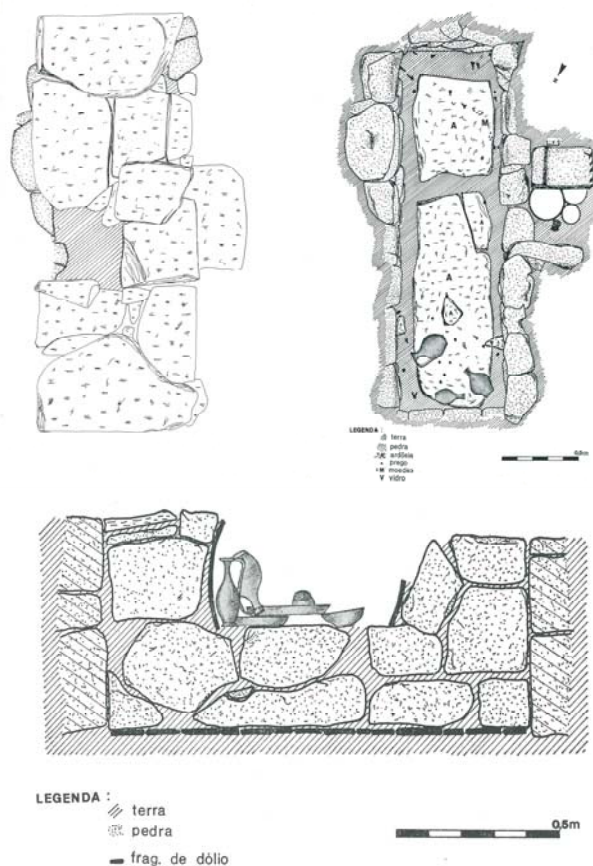


Figura 5 - Sepulturas de inumação de Mozinho/74 (seg. ALMEIDA74)

Junto com o defunto baixaram à sepultura vasos de cerâmica comum de diferentes formas/funções, raros vidros e moedas. A sua colocação é preferencialmente agrupada num dos topos, com raras peças cerâmicas e moedas mais próximas do outro extremo. Mas há também depósitos laterais e, no caso das sepulturas com nicho/prateleira, muitas peças concentram-se aqui. Relativamente ao corpo/caixão, os vasos parecem estar a um nível inferior, questão que voltamos a equacionar relativamente às escavações de Montes Novos e

⁴ ALMEIDA, Carlos Alberto Ferreira de - *Escavações no Monte Mozinho (1974)*. Penafiel: Centro Cultural Penafidélis, 1974; idem - *Escavações no Monte Mozinho II (1975-1976)*. Penafiel: Centro Cultural Penafidélis, 1977

⁵ CARVALHO, Teresa Pires de; QUEIROGA, Francisco - O Castro de Monte Mozinho: os últimos trabalhos desenvolvidos. *Cadernos do Museu*. Penafiel, vol. 11 (2005), p. 132 e 149

⁶ CARVALHO, Teresa Pires de - As necrópoles de Monte Mozinho: resultados preliminares. *Oppidum*. Lousada, número especial (2008), p. 83-113.

Monteiras. Os nichos/prateleira, bem como os vasos encontrados em pé, junto de um dos cantos da sepultura pétreia de 2003, levam a pensar em possíveis revisitações da sepultura.

3. A necrópole de Montes Novos, Croca

A necrópole de Montes Novos, freguesia de Croca, resulta de um achado fortuito ao abrir os alicerces para uma habitação, ocorrido em 1987. Foi escavada sob a responsabilidade da tutela, cabendo a Gilda Correia Pinto a fase final dos trabalhos e o relatório de síntese⁷. Posiciona-se na encosta, sobre a fértil veiga de Pedrantil, no segmento norte da depressão que percorre o município em direcção Norte/Sul, a que o Castro de Monte Mozinho também é sobranceiro. Parece corresponder a um povoado aberto, aldeia de razoável dimensão considerando o número de enterramentos, cento e trinta e nove no espaço de um século. Deste povoado foram recolhidos testemunhos casuais, achados de telha e vasilhame, mesmo restos de paredes e um capitel toscano em granito, depositado no Museu.



Figura 6 - Vista geral da necrópole romana de Montes Novos (seg. PINTO 1998)

Os enterramentos foram abertos no saibro ou na terra quando este está mais fundo. Agrupam-se em mancha contínua com eixos de $\pm 50 \times 30$ m, mostrando-se distribuídos de forma irregular, por vezes muito próximo ou mesmo interceptando-se. Estamos em presença de incinerações e de inumações, estas largamente maioritárias. Trata-se de covas simples, com dimensões que variam no comprimento entre 120 e 240cm, e na largura de 50 a 130cm, nem sempre existindo proporção. Em vários casos, quando a sepultura se abre na terra, a escavação revelou restos da madeira dos caixões, a que também pertenceriam dobradiças, placas e pregos recolhidos em outros. Os enterramentos em que existem quatro cavidades no fundo da cova sugerem que estes caixões ou outros suportes do corpo, tipo leito/padiola,

teriam pés de apoio. As dimensões propostas para o contentor oscilam entre 160 e 170cm x 60 a 70cm.

No séc. IV preferiu-se a direcção NE/SW para abertura da sepultura, deduzindo-se em presença das tachas/cardas do calçado que a cabeça ficaria a SW. De facto, muitos mortos teriam ido para o cemitério vestidos e calçados, do que nos ficaram algumas fivelas e, sobretudo, a pregaria do calçado, que preservou a disposição relativa, e o couro decomposto, indicando-nos a posição dos pés.



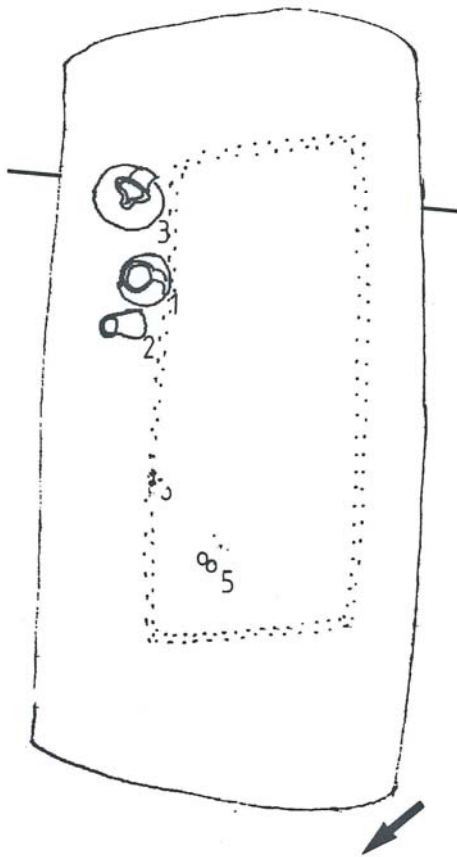
Figura 7 - Planta da necrópole romana de Montes Novos (seg. PINTO 1998)

O mobiliário funerário era constituído por cerâmica comum - jarros, bilhas, púcaros, copos, pratos, taças, tigelas - e apenas em seis sepulturas inclui copos, taças e um unguentário fusiforme em vidro, não mais de uma peça por sepultura. Excepcional é o achado de um ponteiro e um cinzel de ferro na S.35, sinalizando provavelmente a actividade profissional do defunto. As moedas são bastante frequentes e abundantes, existindo por vezes vários conjuntos e peças soltas dentro do mesmo enterramento, talvez ofertas lançadas no momento de sepultura. Nas camadas de corrosão de alguns numismas ficou aprisionado tecido. A disposição do mobiliário, na sua relação com os restos de caixões, mostra situações em que os vasos cerâmicos, assim como os conjuntos de moedas, tanto foram colocados ao lado destes como no seu interior. Também era vulgar estarem

⁷ PINTO, Gilda Correia - *A necrópole de Montes Novos - Croca. Um cemitério da Gallaecia tardorromana*. Porto: FLUP, 1996 (diss. mestrado); idem - *A necrópole romana de Montes Novos/Croca*, Penafiel. *Cadernos do Museu*, vol. 2 (1998), p. 187-240.

agrupado aos pés, ou ficar aqui o maior número, enquanto peças diferenciadas, como copos ou moedas, acompanhariam a parte superior do corpo.

Tendo por base a análise preliminar dos numismas⁸, a cronologia proposta situa as inumações entre as três últimas décadas do século III e o final do IV.



S139: Inumação.

Figura 8 - Enterramento com vestígios do caixão em madeira da necrópole romana de Montes Novos (seg. PINTO 1998)

4. A necrópole de Monteiras, Bustelo

O sítio arqueológico de Monteiras, na freguesia de Bustelo, fica a uma cota baixa, inserido na mancha de terrenos de cultivo e monte que cobrem toda a vertente encimada pelo mosteiro beneditino (370m), descendo até ao curso do rio Sousa (± 155 m). Muito perto deste rio, mas já fora do leito de cheia que configurou a fértil planície aluvial, o povoado e necrópole ocupam solos menos fundos, onde o saibro por vezes quase aflora. Os vestígios arqueológicos em presença, pouco marcantes à superfície, foram reconhecidos em dois momentos diferenciados: o primeiro (1986) devido ao achado de um tesouro de *nummi*, alguns na flor do cunho, atribuíveis à

⁸ Trabalho realizado por Rui Centeno, que tem em preparação a publicação de síntese sobre estes achados monetários.

Tetrarquia⁹, ocorrência que revelou também o possível povoado, dada a presença de alguma olaria e cerâmica de construção; o segundo momento (1990) evidenciou casualmente a necrópole, que viria a ser escavada em 1993-95¹⁰.

À medida que iam sendo descobertos, os enterramentos (110 casos)¹¹ puderam associar-se nos dois grandes grupos básicos, o das incinerações e o das inumações. Além da distinta atitude que revelam, são fisicamente muito diversos, pois os primeiros encontram-se em cotas mais superficiais, pousados sobre o saibro natural ou na terra, com ou sem covacho, muitas vezes acompanhados pelos restos da cremação que formam uma mancha negra sobre o solo claro. Os segundos são covas retangulares, relativamente fundas, penetrando, na maioria dos casos, o saibro natural, que esventram.

São trinta e oito (34,2%) as sepulturas de inumação exumadas em Monteiras, total a que teria de ser acrescentado um número indefinido de outros casos destruídos, se bem que a escavação e observação da planta da necrópole correspondente ao baixo-império parecem indiciar que apenas num sentido teria havido depredações. Uma segunda constatação que a planta impõe é o reconhecimento da existência de dois grandes grupos de alinhamento para as sepulturas de inumação, que chegam a ser verticalmente opostas, porquanto umas foram abertas na direção, sensivelmente, N-S (até NW-SE) e as outras sobre o eixo NE-SW.



Figura 9 - Escavação da necrópole romana de Monteiras/93 (Fot. G. Pinto)

Ao experimentarmos cartografar os achados numismáticos do baixo-império, esta diferença de orientação ganhou novas perspectivas, já que os cinco casos com moedas das últimas décadas do século III.

⁹ PINTO, José Marcelo Sanches Mendes – *Tesouros monetários Baixo-Imperiais entre Douro, Ave e Tâmega*. Porto: FLUP, 1996, p. 28-29 e 193-196 (diss. mestrado). O autor data as emissões das apenas onze moedas que observou entre 294 e 313.

¹⁰ SOEIRO, Teresa - Necrópole romana de Monteiras (Bustelo-Penafiel). *Cadernos do Museu*, vol. 12/13 (2009/2010), p. 5-221.

¹¹ No conjunto das incinerações foram contabilizadas todas as ocorrências definidas de cinzas/carvões, vestígios de osso e/ou espólio, não se podendo contudo descartar que algumas destas unidades resultem apenas de «limpezas» do *ustrinum*.

pertencem todos ao primeiro grupo, e aqueles em que se verificaram achados do século IV ao segundo. Ensaíamos ainda cartografar separadamente as moedas da primeira metade do século IV e as da segunda metade da centúria, mas aí os resultados foram aparentemente nulos.

Ressalvamos a eventual possibilidade de existir contemporaneidade entre enterramentos de inumação e de incineração em Monteiras, embora essa situação não se tornasse visível na presente intervenção. A curtíssima amplitude das cunhagens recolhidas no primeiro conjunto de inumações, numismas em bom estado de Galieno, Claudio II e Aureliano, sugere um razoável limite *post quem* para o novo rito. Por outro lado, nenhum dos espólios dos depósitos de incineração, mesmo os mais tardios, parece atribuível ao final do III ou ao século IV.

Não temos argumentos suficientes para rejeitar com segurança uma eventual interrupção na utilização do cemitério, curto vazio que não poderia estender-se senão às décadas centrais da terceira centúria. Seria um recurso fácil, ainda que não necessário, para explicar uma consensual mudança do ritual entre a população que aqui

As sepulturas sem achados numismáticos foram agrupadas tendo em atenção os eixos de orientação antes definidos, a priori que a análise das práticas funerárias e dos espólios não contradisse.

tumulava, uma vez que a vulgarização da inumação ocorria já por todo o império.

Por recorrente, assinalamos que as covas abertas atingem cotas mais profundas do que as dos depósitos de incineração, devido à necessidade de introdução do caixão ou leito, mas também porque mesmo sem ele haveria que contar com a decomposição do cadáver, os cheiros emanados e a atracção que exerceriam sobre animais capazes de o desenterrar. Não existiam restos osteológicos em qualquer destas sepulturas de inumação, devido às condições do solo, a exemplo das necrópoles precedentes e genericamente de todo o Noroeste de Portugal.

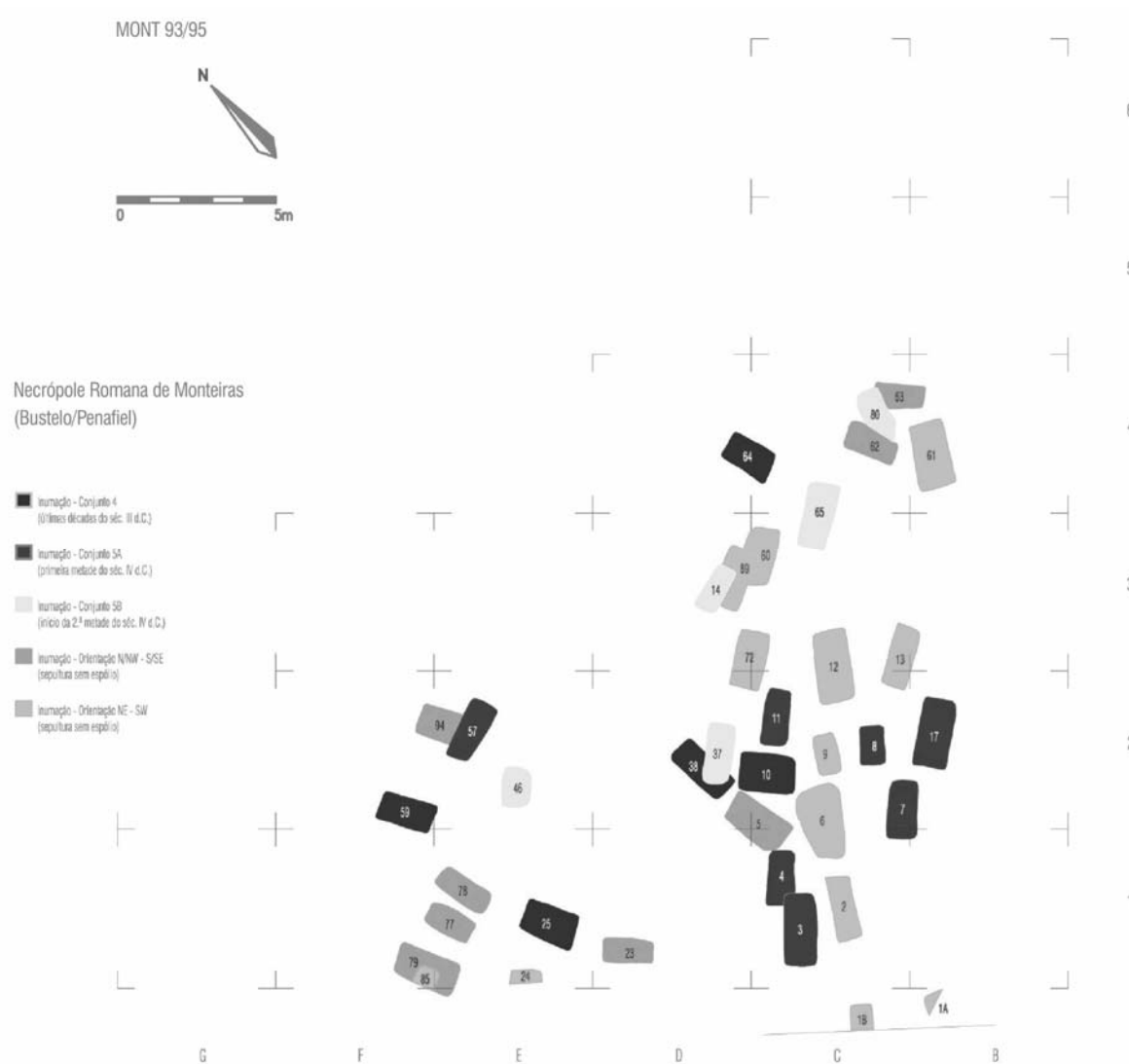


Figura 10 - Sepulturas de inumação na necrópole romana de Monteiras (MMPNF/H. Bernardo)

5. Enterramentos de final do séc. III

Incluimos neste conjunto, datado das últimas década do século III (início do seguinte), as treze sepulturas de inumação cuja cova foi aberta na direcção N-S ou direcções afins, das quais cinco com moedas entre o espólio recolhido. Distribuem-se na necrópole de forma descontínua, sem sobreposições entre si, sendo perceptíveis algumas possíveis relações de alinhamento. Dificilmente se poderiam ter ignorado, tal o paralelismo.

Todas as covas são tendencialmente retangulares, abertas de preferência no saibro natural, raramente estão apenas em camadas de terra, mas podem também incidir sobre o afloramento rochoso, única situação que dificultaria o trabalho. A sua abertura perturbou muitos enterramentos anteriores, depositados ao nível da superfície do saibro. De diferentes dimensões, tanto no comprimento (de 146 a 200cm) como em largura (entre 70 e 120cm), apresentam combinações nem sempre proporcionais. Não reconhecemos qualquer trabalho para estruturar a cova aberta, talvez com excepção da sepultura S.78, em que existiam alguns fragmentos de bojo de grande dólido colocados ao alto, mas estavam afastados da parede e não definiam um perímetro. Em três casos pudemos ver no fundo da sepultura, junto de cada canto, quatro concavidades, cuja função ainda compreendemos mal, embora já as tivéssemos reconhecido antes, no cemitério de Montes Novos (Croca). Voltaremos a encontrá-las nas sepulturas do século IV.

Os cadáveres parecem ter sido depositados em decúbito dorsal, com a cabeça a Sul e os pés, reconhecíveis pelas tachas dos sapatos envergados, para Norte. Quando estas tachas surgem em cima do espólio (S.5 e S.79), este seria pousado na cova antes do defunto. O corpo apresentar-se-ia amortalhado, com o tecido envolvendo mesmo os sapatos, do que resultou ficar aprisionado na corrosão das tachas de ferro (S.59).

Poucos sinais temos da eventual utilização de caixão de madeira, talvez presente na S.62, onde existem algumas ferragens. Em outros enterramentos foram exumados pregos, sempre em número muito reduzido, e tachas um pouco maiores do que as habituais no calçado. Estes elementos, assim como a presença das cavidades nos cantos das sepulturas, levaram-nos a pensar, para além da casual presença de caixão, na possibilidade de existir uma outra base de madeira, aberta e com pés, tipo padiola ou leito, que suportaria o cadáver amortalhado acima do fundo da cova, permitindo a deposição dos vasos sem que o corpo ficasse imediatamente sobre eles.

Os bens enterrados com o cadáver são sobretudo vasilhas cerâmicas que teriam contido comida e bebida, mas que baixam à terra por vezes uns dentro dos outros, como sucede com as prateiras que contêm pratos e mesmo moedas. Outros estão tombados e sobrepostos de uma forma que não parece ter ocorrido depois da colocação. Tendencialmente ficam no topo correspondente aos pés, por vezes a 1/3 da sepultura, na linha média, o que faria

com que o cadáver pousasse sobre eles, caso não houvesse uma estrutura de suporte, ou os não levasse dentro do caixão. Menos comum é a colocação lateral de todo o vasilhame. Na sepultura S.25, apesar do espólio estar aos pés, haveria um copo de vidro ao lado da parte superior do corpo.

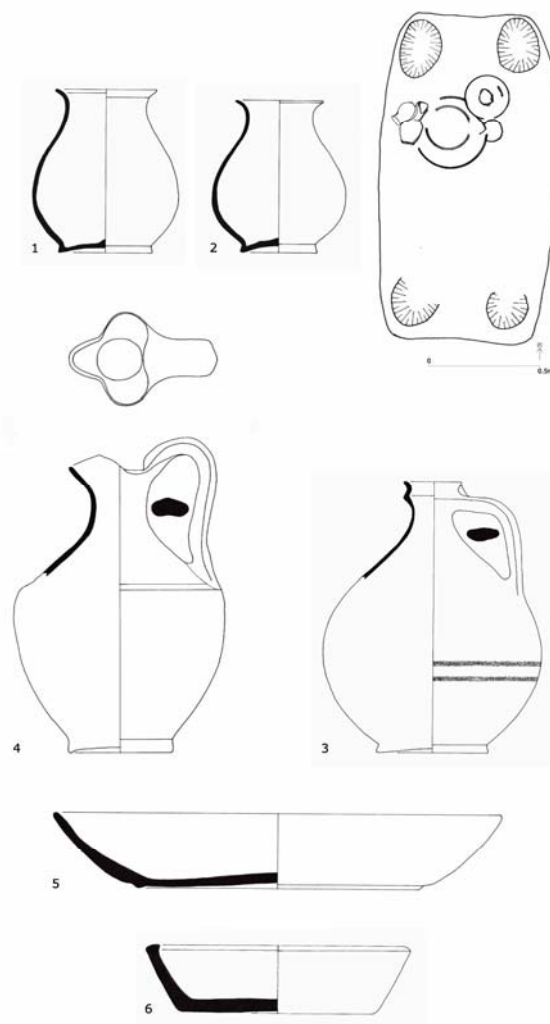


Figura 11 - Inumação (S.77) de final do séc. III

Duas destas treze sepulturas apresentam o espólio próximo do topo Sul/ Sudeste. É o caso de S.10, em que foram depositados apenas dois copos de cerâmica, a um quarto de distância do topo SE, além de um conjunto de nove moedas sobre o eixo central, em posição simétrica. Em S.23 os vasos estão também reunidos próximo do topo SE, mas aqui são mais volumosos e em posição central, pouco compatível com o espaço necessário para a cabeça e tronco do cadáver. Fica-nos a possibilidade de estas duas deposições serem assumidamente discordantes, inclusive na orientação dada ao cadáver.

O espólio recolhido é bastante homogéneo, mas com materiais ainda sem a monotonia que caracterizará o do séc. IV. A uma primeira observação ressalta a omnipresença da cerâmica comum, já com grande

regularidade de formas e fabricos. Os vasos de vidro (copos?) são poucos e difíceis de recuperar porque, devido à finura das suas paredes, se encontram completamente estilhaçados. Em contrapartida, há vasos de cerâmica comum pintados e, com certa frequência, uma forma aberta de grandes dimensões, a prateira, com pasta cuidada coberta por aguada ou engobe vermelhos, muitas vezes lembrando as *sigillatas* hispânicas tardias e as *sigillatas* africanas. Mas se quiséssemos fixar um mobiliário padrão para cada enterramento, ele incluiria certamente um ou mais púcaros e um copo, ambos com perfis em S, uma bilha apresentando sempre o seu característico perfil de bojo redondo, raramente cortado a meia-pança, ombros pouco marcados e um bocal estreito de onde sai a asa de fita rematada superiormente por dedeira saliente. Púcaros, copos e bilhas são os vasos que, pela sua pasta e acabamento, mais se prestam a receber decoração pintada, até porque será muito raro apresentarem sinais de utilização sobre o fogo, o que danificaria o anterior investimento. Pratos e tigelas de servir também podem ter pintura. Os padrões decorativos são bandas formadas por linhas paralelas de tom vermelho-acastanhado, que podem conter pontos ou delimitar o espaço da banda de pintura branca. Apenas uma bilha ostenta uma composição mais complexa, que cobre grande parte da superfície do vaso, incluindo o dorso da asa, mas nem por isso se dissocia das anteriores¹². Das taças, pratos altos e prateiras temos poucos exemplares, de diferentes fabricos, mais finos e com perfis cuidados quando procuram imitar as *sigillatas*, em pastas arenosas apenas cobertas por aguada, como os pratos, mas nunca utilizadas no fogo.

O jarro trilobado e o prato de lume, outras constantes, são fabricados em pastas mais grosseiras, com cozedura resistente a uma prolongada exposição ao fogo durante a utilização, que no primeiro devia ser feita aproximando marginalmente o vaso da chama, já que é normal a fuligem cobrir apenas a área oposta à asa, como que mais para aquecer o conteúdo do que para provocar a sua fervura ou cozedura. O prato merece bem o epíteto *de lume* porque recebeu o fogo em cheio, requeimando a parede exterior e mesmo a interior, ficando apenas o centro exterior do fundo algo a salvo, o que nos diz que ele muitas vezes seria pousado directamente na superfície do lar.

6. Enterramentos do séc. IV

Estas sepulturas de inumação apresentam orientação dominante sensivelmente NE-SW, havendo poucas sobreposições entre elas. As covas são abertas por forma a penetrar no saibro de base, raramente se limitando aos

¹² Impositivos para quem visita os museus da região, estes achados de cerâmica pintada baixo-imperial ainda carecem de sistematização: ABASCAL PALAZON, Juan Manuel – *La cerámica pintada romana de tradición indígena en la Península Ibérica. Centros de producción, comercio y tipología*. Madrid, 1986, p. 178 e segs. MORAIS, Rui - *Guia das cerâmicas de produção local de Bracara Augusta*. Braga: CITCEM, 2009, p. 37 e segs.

níveis de terra. De contorno rectangular, têm comprimentos entre os 145 e os 233cm, mas mais de metade ultrapassando os dois metros. A largura varia de 75 a 126cm. A sepultura S.17, uma das menores, apresentava ainda as quatro cavidades junto aos ângulos do fundo, o que reduz a superfície de assentamento do contentor mortuário para $\pm 125 \times 60$ cm. Três outras tinham covas idênticas no fundo, definindo rectângulos de, aproximadamente 115x73; 150x75cm e 130x50cm. A última continha peças em ferro das esquinas do caixão, lado maior, a 120cm de distância.

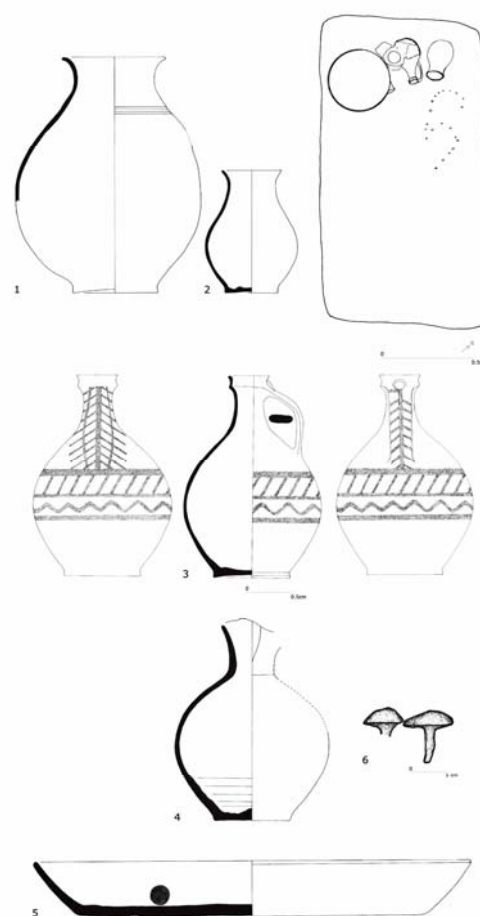


Figura 12 - Inumação (S.59) de final do séc. III

No século IV, o corpo foi, com frequência, enterrado calçado (e vestido), por vezes envolvido em mortalha que o deveria cobrir integralmente, pois surge na oxidação das tachas em ferro. Na sepultura S.17 existem cavidades nos cantos e vestígios da mortalha tanto no calçado como sobre os conjuntos de moedas que o falecido carregava consigo. Já na sepultura S.37, a mortalha foi aprisionada pela oxidação da foice de ferro que acompanhava o cadáver. A bijutaria feminina das sepulturas S.4 e S.8, pela sua posição, pertenceria no segundo caso à toilette da mulher inumada, enquanto no primeiro se encontrava junto das vasilhas.

São também as tachas do calçado que nos permitem dizer que o corpo seria sepultado em decúbito dorsal, com a cabeça para Sudoeste. Numa larga maioria de casos, o espólio oferecido foi depositado, algo laxo ou agrupado, na área dos pés, próximo portanto do topo Nordeste ou pelo menos neste terço da sepultura. Excepção clara foi a sepultura S.61, em que se viu reunido no topo Sudoeste. Na S.57, o espólio estava na linha média e ao centro da sepultura, enquanto na S.46, além dos vasos depositados junto dos pés, o defunto tinha um copo de vidro à altura da parte superior do corpo. Na sepultura S.12, o segundo conjunto, limitado, estava ao seu lado. Em vários casos este espólio sepulcral jazia por baixo do cadáver, do que resulta aparecerem sobre as vasilhas tanto as tachas do calçado como as ferragens do caixão de S.14.

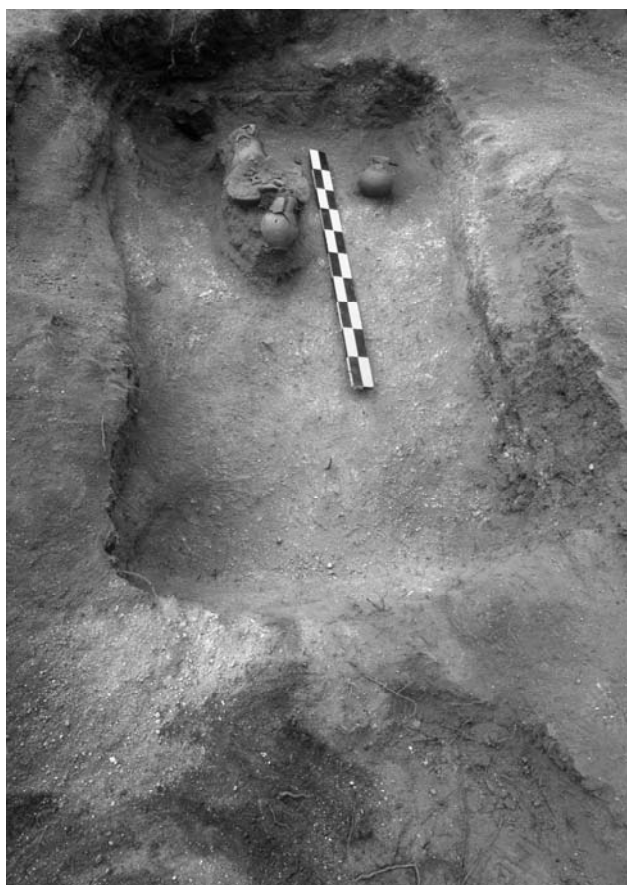


Figura 13 - Inumação S.77 de final do séc. III

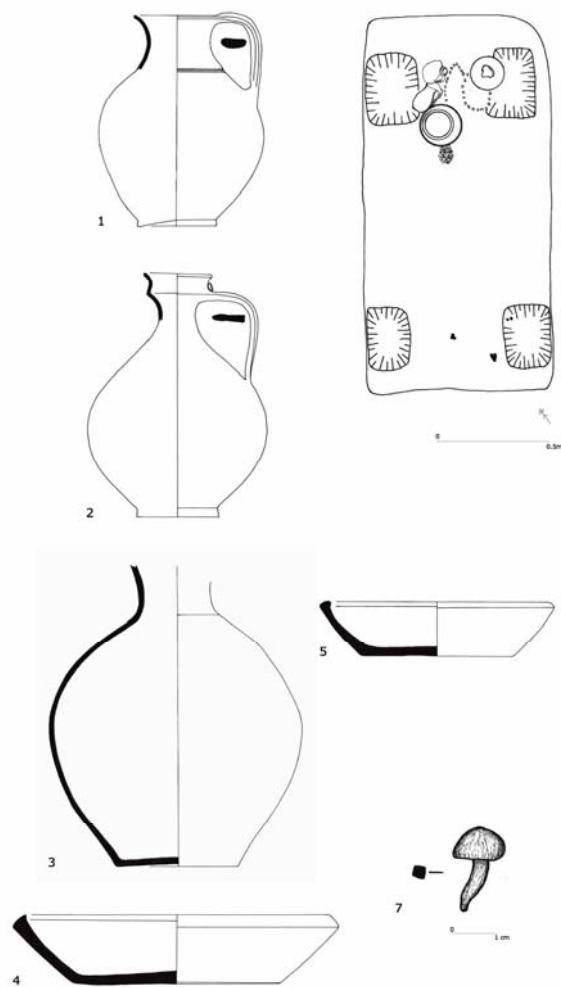
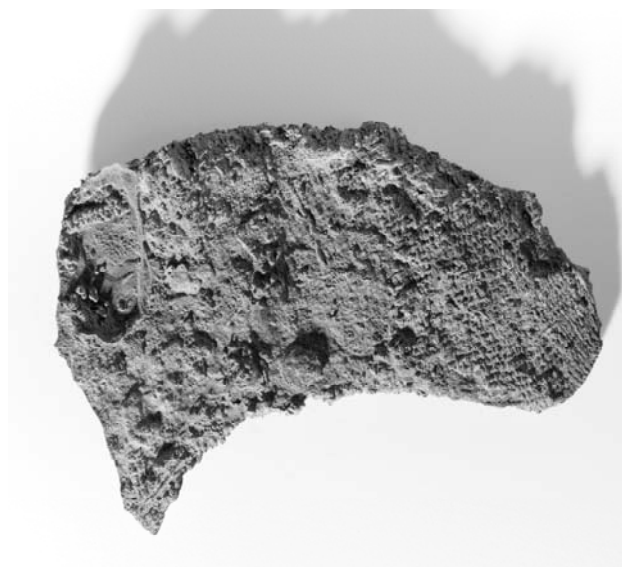


Figura 14 - Inumação (S.17) da primeira metade do séc. IV



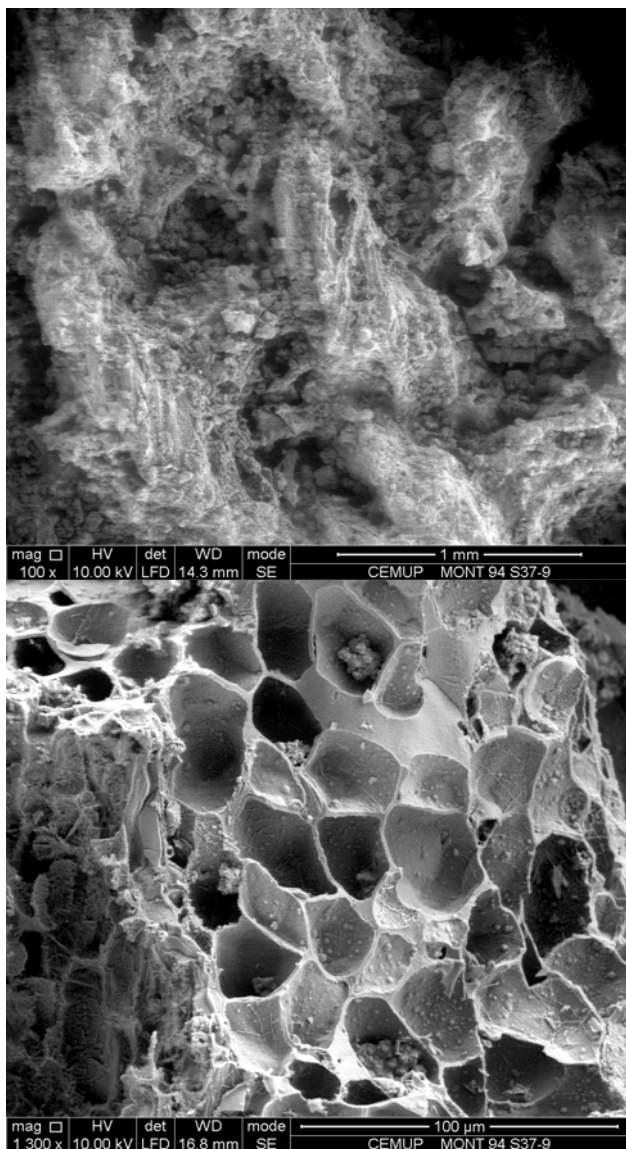


Figura 15 - Tecido de linho presente na inumação S.37 (MMPNF/Fot. F. Albuquerque e CEMUP)

Apesar de estarem inacessíveis os mais importantes fragmentos têxteis que encontramos nesta escavação, aprisionados na superfície da corrosão de pequenos conjuntos de numismas de S.17, pensamos tratar-se de um pano de tom esbranquiçado que seria a mortalha, fabricado em textura simples tipo tafetá, bastante corrente e fácil de tecer no tear de um liço e separador¹³. As tachas do calçado desta inumação, que data da primeira metade do século IV, também mostravam vestígios da mortalha que envolveu o defunto. Realizada a análise em microscópio electrónico de varrimento em baixo-vácuo¹⁴, verificou-se estarmos perante um tecido confeccionado

¹³ OLIVEIRA, Ernesto Veiga de; GALHANO, Fernando; PEREIRA, Benjamim – *Tecnologia tradicional portuguesa: o linho*. Lisboa: INIC-Centro de Estudos de Etnologia, 1978, p. 122-125 e 145; ROCHE-BERNARD, Geneviève – *Costumes et textiles en Gaule romaine*. Paris: Editions Errance, 1993, p. 87.

¹⁴ Análises realizadas no CEMUP - Centro de Materiais da Universidade do Porto, apoiadas pelo CITCEM - Centro de Investigação Transdisciplinar, Cultura, Espaço e Memória (UP/FLUP). Devemos um especial agradecimento ao doutor Carlos Sá.

com fibra animal, lã possivelmente de ovino, testemunhada pela característica textura escalonada da superfície dos filamentos¹⁵, que teriam cerca de 30µm de espessura.



Figura 16 - Contas em pasta vítrea do séc. IV (S4 e S8) (MMPNF/Fot. F. Albuquerque)



Figura 17 - Vaso de engobe branco do séc. IV (S57) (MMPNF/Fot. F. Albuquerque)

Várias tachas do calçado da inumação S.59, datável nas últimas décadas do século III, aprisionaram um tecido de lã idêntico ao anterior, em textura simples (tafetá), obtido com filamentos reunidos na fição. A foice do enterramento S.37, do início da segunda metade do século IV, esteve envolvida pela mortalha, tendo ambas as faces e a aresta exterior restos de tecido, com a textura

¹⁵ APPELYARD, H. M. - *Guide to the identification of animal fibres*. Leeds: British Textile Technology Group, 2ª ed., 1978, p. 116-117; WILD, J. P. - *Textile manufacture in the northern roman provinces*. Cambridge: University Press, 1970, p. 46 e 108.

distorcida pelo esforço da dobragem. Neste caso, tratar-se-á de um pano de linho, também de tecitura simples.

Os conjuntos cerâmicos encontrados nas sepulturas da primeira metade do século IV constituem o núcleo mais homogêneo e monótono de toda a cerâmica comum da necrópole. A normalização de formas e fabricos, bem como o restrito número de variantes presentes convergem para esta imagem de repetição, paradigmática para quem conhece as colecções arqueológicas presentes nos museus da região.



Figura 18 - Conjunto cerâmico (S.12) do séc. IV (MMPNF/Fot. F. Albuquerque)

Peças de excepção fazem a diferença, como acontece nas duas sepulturas que forneceram adereços em pasta vítrea. Outras incluíam um vaso de *sigillata* tardia, um copo de vidro e ainda o pequeno copo em forma de sino, de pasta fina, com as superfícies cobertas por um espesso engobe branco¹⁶ e pintadas.

Podemos também considerar como relevante, para os parâmetros desta necrópole, o facto de a sepultura S.3 conter quatro moedas e, especialmente, os dez numismas da S.17.

A cerâmica comum, presente em todos os casos, contempla o púcaro de perfil em S, em vários tamanhos, os copos e potinhos, as bilhas, os jarros trilobados, os pratos de lume, por vezes dois de diferentes dimensões, e taças que ganham aparência de qualidade pela aplicação de uma aguada ou engobe vermelho. A aproximação às prestigiadas *sigillatas* foi lograda em algum prato de pasta fina, assim como nas prateiras. Originais são dois vasos da sepultura S.61, um púcaro de perfil invulgar e uma pequena taça, ambos fabricados em pasta cor

¹⁶ Esta cerâmica de engobe branco não é a que surge em níveis do fim da República e inícios do Império, por exemplo, em Conimbriga: ALARCÃO, J. e outros – *Céramiques diverses et verres*. In ALARCÃO, J; ETIENNE, R – *Fouilles de Conimbriga*, vol. 6, Paris, 1976, p. 59 e segs. Estará mais próxima aos fabricos tardios de *Bracara Augusta*: DELGADO, Manuela; MORAIS, Rui - *Guia das cerâmicas de produção local de Bracara Augusta*. Braga: CITCEM, 2009, p. 57-59; Morais, Rui e outros - As cerâmicas de engobe branco de época imperial no Noroeste Peninsular. In MORAIS, Rui e outros (ed.) - *As produções cerâmicas de imitação na Hispania*. Porto: FLUP-SECAH, 2014, tomo 2, p. 361-368

castanho-tijolo, fina e homogênea, sendo as superfícies negras, bem alisadas e com partículas de mica muito miúda a reluzir. Poderiam constituir um *serviço*. Não identificamos o fabrico, muito diferente dos demais.

7. Práticas funerárias e contextos históricos

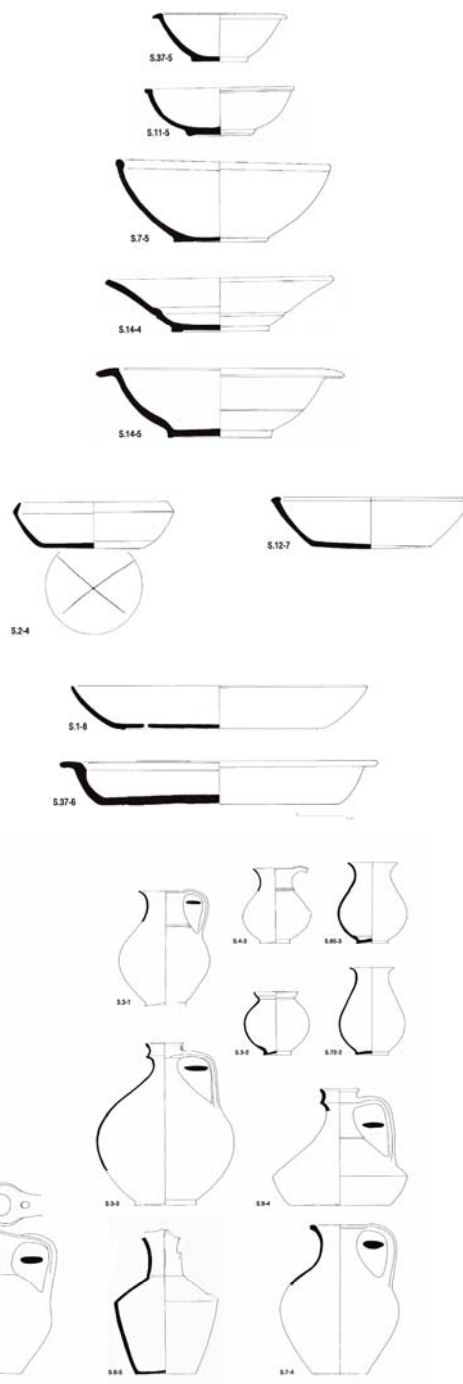


Figura 19 - Cerâmica comum das sepulturas de inumação do séc. IV

Tendo em conta estes três sítios, diríamos que nas necrópoles romanas da área do Município de Penafiel a incineração deve ter prevalecido até ao terceiro quartel ou mesmo final do século III, já que as primeiras inumações

de Monteiras contêm moedas em muito bom estado de Galieno a Aureliano. Esta proposta está em conformidade com a presença na necrópole de Monte Mozinho (1975) de uma incineração cujo espólio incluía uma moeda de Severo Alexandre, cunhada em Roma em 231-235¹⁷. Na necrópole de Montes Novos, Croca, as moedas mais antigas presentes nas inumações são também emissões de Galieno (262-263), havendo cento e vinte e sete outros casos de inumações datadas de final do século III e do século IV contra apenas uma possível incineração (nº 112)¹⁸. Em *Bracara Augusta* é igualmente no final do século III que irão desaparecer as incinerações, dando lugar às inumações, Fase 4, por vezes executadas em covas simples rectangulares (Tipo 2c) idênticas às que nos séculos precedentes abrigaram os restos cremados¹⁹.

Nas últimas décadas da terceira centúria, as comunidades de Monteiras e Montes Novos parecem assim tomar uma nova opção relativamente à deposição dos seus mortos, que está de acordo com a corrente que se difundia pelo império há mais de cem anos, ainda que a diferentes ritmos e sem exclusividade, até se tornar largamente maioritária nesta época²⁰.

Mas os espaços de necrópole continuam os mesmos, como também em Monte Mozinho, sempre exteriores aos povoados, e os cadáveres são acompanhados de múltiplas e idênticas dádivas, como acontecia tradicionalmente²¹, contrariando o que se passa em regiões mais abertas às novas concepções da vida no além, que as dispensam.

A cada defunto está destinada uma cova rectangular, de maiores dimensões e mais profunda do que os covachos de incineração, onde o cadáver será inumado, acondicionado num caixão ou outra estrutura de madeira e/ou envolto numa mortalha, únicos intermediários entre o corpo e o terreno natural, já que muitas covas abertas na

terra e no saibro não parecem ter sido objecto de qualquer outro investimento construtivo.

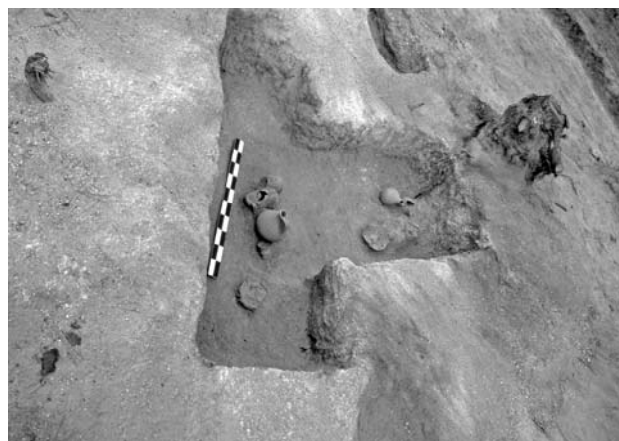


Figura 20 - Intersecção das sepulturas de inumação S57 e S 94

Ainda que este minimalismo seja comum, existem modelos bem mais elaborados como os escavados em Monte Mozinho (1974), onde as paredes das sepulturas eram muros de contenção em granito aparelhado e o fundo estava coberto com lousas ou pedaços de grandes dólios. O mesmo devia suceder na necrópole de Outeiro (Santiago, Penafiel)²² ou na de Bairral (Santa Leocádia, Baião)²³, nenhuma delas apresentando, porém, as prateleiras laterais que vemos no Castro. Outros tipos de estruturação da sepultura, com lajes de pedra, telhas, paramentos cerâmicos construídos, etc²⁴ estão ausentes, bem como qualquer edificação monumentalizadora.

A homogeneidade, por omissão da estruturação da sepultura, equipara todos os que foram inumados em Monteiras ou Montes Novos, muitos de Mozinho e os dos demais cemitérios, a acreditar nas informações transmitidas pela bibliografia. Para a comunicação com os vivos, não encontramos dispositivos reconhecíveis para além das já referidas prateleiras laterais alteadas existentes nas sepulturas de Mozinho (1974), que dariam melhor acesso à tumba depois do enterro, facilitando o renovar do contacto com o defunto nas ocasiões festivas a

¹⁷ SOEIRO, Teresa – Monte Mozinho. Apontamentos sobre a ocupação entre Sousa e Tâmega em época romana. *Penafiel. Boletim Municipal de Cultura*. Penafiel, 3ª série, vol. 1 (1984), p. 298.

¹⁸ PINTO, Gilda Correia – A necrópole romana de Montes Novos/Croca, Penafiel. *Cadernos do Museu*, vol. 2 (1998), p. 187-240. A necrópole de Tongobriga apontaria para a utilização de incinerações mesmo na segunda metade do século IV, em sepulturas de cova rectangular não estruturada mas, a sua semelhança com as inumações da época, incluindo a disposição do espólio, colocam-nos algumas dúvidas: DIAS, Lino A. Tavares – Necrópoles no território de Tongobriga. *Conimbriga*. Coimbra, vol. 32-33 (1993-1994), p. 121-134.

¹⁹ MARTINS, Manuela; DELGADO, Manuela – As necrópoles de Bracara Augusta. A. Os dados arqueológicos. *Cadernos de Arqueologia*. Braga: Museu D. Diogo de Sousa/Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho, série 2, vol. 6/7 1989/1990, p.177-178

²⁰ *Incinérations et inhumations dans l'occident romain aux trois premiers siècles de notre ère*. Toulouse, 1991. Ver a revisão desta questão em, por exemplo, GALVE IZQUIERDO, María Pilar - *La necrópolis occidental de Caesaraugusta en el siglo III (Calle Predicadores, 20-30, Zaragoza)*. Zaragoza: Prensas Universitarias de Zaragoza, 2008, p. 127 e segs.

²¹ ABÁSULO ALVAREZ, José Antonio; RODRÍGUEZ-ARAGÓN, Fernando Pérez – Arqueología funeraria en Hispania durante el bajo imperio e la época visigoda. *Arqueología da morte na península Ibérica desde as orixes ata o medievo*. Xinzo de Limia: Concello de Xinzo de Limia, 1995, p. 300; GONZÁLEZ VILLAESCUSA, Ricardo – *El mundo funerario romano en el País Valenciano*. Madrid-Alicante, 2001, p. 114 e segs.

²² SOEIRO, Teresa - Povoado e necrópole de Outeiro (Santiago de Subarrifana, Penafiel). *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*. Porto, vol. 27 (1987), p. 235-239.

²³ SEVERO, Ricardo – Necrópoles lusitano-romanas de inhumación. *Portugalia*. Porto, vol. 2 (1905-1908), p. 419.

²⁴ Síntese das tipologias bracarenses em: MARTINS, Manuela; DELGADO, Manuela – As necrópoles de Bracara Augusta. A. Os dados arqueológicos. *Cadernos de Arqueologia*. Braga: Museu D. Diogo de Sousa/Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho, série 2, vol. 6/7 (1989/1990), p.156-157. Para outros casos de estruturação de sepulcros, poucos apesar do grande número de necrópoles referenciado na região, ver por exemplo: SEVERO, Ricardo – O cemitério romano do Monte de Penouço (Rio Tinto). *Portugalia*. Porto, vol. 2 (1905-1908), p. 111-113; CORREA, A. A. Mendes – A necrópole de Parada Todeia. *O Archeologo Português*. Lisboa, vol. 26 (1923-24), p. 1-14; SOEIRO, Teresa – Contribuição para o inventário arqueológico do concelho de Paredes (Porto). *Portugalia*. Porto, nova série, vol. 6/7 (1985/1986), p. 110-114; LOBATO, Maria José Folgado – A necrópole romana de Gulpilhares (Vila Nova de Gaia). *Portugalia*. Porto, nova série, vol. 16 (1995), p. 35 e segs.; ALMEIDA, Carlos Alberto Brochado de – *Povoamento romano do litoral minhoto entre o Cávado e o Minho*. Porto, 1996, p. 330-334 (diss. doutoramento).

ele dedicadas, em que a comensalidade e as oferendas se actualizavam²⁵.

Já a protecção dada ao corpo seria mais variada. Pudemos entrever mortalhas de tecido, bem como restos ténues de madeira mineralizada, e recolhemos pregos e ferragens de possíveis caixões²⁶, para além das sepulturas que apresentavam depressões em cada canto do fundo, eventualmente para mais bem apoiar os pés salientes nos cantos do caixão ou de uma padiola/leito. A posição em que o cadáver foi deposto também parece bastante consensual, nos casos em que temos dela testemunho: seriam colocados em decúbito dorsal, vestidos e com certeza calçados (lavados e perfumados), mas nada sabemos sobre a postura dos braços ou da cabeça, uma vez que não se conserva qualquer material osteológico.

A orientação mereceu igualmente preferência, mas esta foi, em Monteiras, diferente no final do século III em relação à centúria seguinte. Primeiro as covas tomavam genericamente a direcção Norte-Sul (até NW-SE) ficando o cadáver, nos casos documentados, com a cabeça a Sul. Depois passámos, em Monteiras, Montes Novas e Mozinho a sepulturas com o eixo maior Nordeste-Sudoeste, ficando a cabeça a Sudoeste²⁷. Realizado o ritual em presença do defunto, partilhada a comida e bebida do banquete fúnebre, estas desciam à cova em recipientes cerâmicos de servir sólidos e líquidos, que seriam por vezes já usados mas ainda funcionais. Encontra-se também vasilhas deformadas na cozedura e com outros defeitos de fabrico, refugio adquirido expressamente para ser enterrado, como o recolhido, por exemplo, na necrópole de Boa Vista (Canelas-Penafiel)²⁸. Acompanhavam-nos alguns vasos de vidro e numismas, sendo raros os elementos ligados a actividades laborais, como a foice de Monteiras, o ponteiro e cinzel de Montes Novos ou os cossoiros.

Estes bens foram colocados dentro e fora dos caixões, junto da metade inferior dos membros ou lateralmente ao corpo, muitas vezes agrupados, mesmo pousados uns

sobre ou dentro dos outros, como é frequente com as espaçosas prateiras que podem conter, por exemplo, pratos menores e outros vasos. Em contados casos, um segundo ponto de colocação ocorre ao lado da parte média/superior do corpo, mas aqui com um número restrito e escolhido de peças, geralmente de servir e consumir líquidos. As moedas acompanham o restante espólio, ou surgem em conjuntos, que podem ser múltiplos, próximo da parte superior do corpo.

A estratigrafia vertical destas deposições indica que elas serão primárias, por vezes vasos colocados mesmo a um nível inferior ao do cadáver, ficando, por isso, as tachas do calçado e ferragens do caixão sobre eles. A cova voltaria então a ser preenchida com a terra retirada para a abrir, pelo que é comum surgir neste enchimento outro espólio para além do primário, muito fragmentado, proveniente de sepulturas destruídas, que em Montes Novos e Monteiras são as incinerações, mais superficiais.

Não conhecemos qual o aspecto exterior da sepultura depois de fechada, se ela espelharia de forma visível as diferenciações sociais do mundo dos vivos, ou como salvaguardaria a identidade pessoal contra o anonimato²⁹, excepto no caso da estela de Monte Mozinho, encontrada na necrópole, tombada e sem sepultura associada, ou da excepcional estela com uma figura feminina proveniente de Capela, possivelmente da necrópole destruída³⁰.

Deveria, de facto, haver qualquer marcação exterior do terreno, que não só permitisse a preservação da memória e visita de familiares, como evitasse violações indesejadas e profanações de jazigos relativamente recentes. Com o tempo, os cuidados dispensados ao sepulcro abrandariam, o mesmo sucedendo com a lembrança do falecido, e os túmulos mais esquecidos acabariam por ser destruídos ou perturbados pelos de recém-chegados³¹.

Estamos perante aldeias, povoados abertos de baixa altitude, implantados nos terrenos agrícolas, aqui fixados por vários séculos, como certamente também seria uma aldeia a povoação que gerou a(s) necrópole(s) de Duas Igrejas.

²⁵ O banquete fúnebre percorreu a antiguidade e prevaleceu mesmo entre os primeiros cristãos: JENSEN, Robin M. – Dining with the dead: from the Mensa to the Altar in Christian Late Antiquity, in BRINK, Laurie; GREEN, Deborah (ed.) – *Commemorating the dead. Text and artifacts in context*. Berlim: Walter de Gruyter GmbH & Co., 2008, p. 107 e segs.

²⁶ Reconstituição de caixões com ferragens, por exemplo, em: SERRA VILARÓ, J. – Sepulcros y ataúdes de la necrópolis de San Fructuoso (Tarragona). *Ampurias*. Barcelona, vol. 6 (1944), p. 196 e segs.; MILLS, J.M. – Iron coffin nails and fittings, in FARWELL, D. E.; MOLLESON, T. I. – *Excavations at Poundbury 1966-80*, v.2 *The cemeteries*. Dorset: Dorset Natural History and Society, 1993, p. p. 114 – 129.

²⁷ A mesma mudança de orientação constatada por: PILET, Christian; ALDUC-LE BAGOUSSE, Armelle – Les vivants et les morts en Gaule romaine. *La mort, les morts et l'au-delà dans le monde romain*. Caen: Université de Caen, 1987, p. 19; ABÁSULO ALVAREZ, José Antonio; RODRÍGUEZ-ARAGÓN, Fernando Pérez – Arqueología funeraria en Hispania durante el bajo imperio e la época visigoda. *Arqueologia da morte na península Ibérica desde as orixes ata o medievo*. Xinzo de Limia: Concello de Xinzo de Limia, 1995, p. 298.

²⁸ SOEIRO, Teresa - Monte Mozinho. Apontamentos sobre a ocupação entre Sousa e Tâmega em época romana. *Penafiel. Boletim Municipal de Cultura*. Penafiel, 3ª série, vol. 1 (1984), p. 78-79.

²⁹ CARROLL, Maureen – *Spirits of the dead. Roman funerary commemoration in Western Europe*. Oxford: Oxford University Press, 2006, p. 59 e segs.

³⁰ SOEIRO, Teresa - Notícia sobre uma nova estela romana figurada de Capela, Penafiel (Portugal). *VII Reunión de escultura romana en Hispania*. S. de Compostela: Universidad S. Compostela, 2013, p. 335-348; SANTOS, M^o João Correia dos; PIRES, Hugo A. M. - A estela funerária de Capela, Penafiel (Conventus Bracaraugustanus). *Ficheiro Epigráfico*. Coimbra, vol. 119 (2014), n^o 510.

³¹ HOPE, Valerie M. – *Death in ancient Rome. A sourcebook*. London and New York: Routledge, 2007, p. 152 e segs e 165 e segs.



Figura 21 - Estela funerária da necrópole de Monte Mozinho (MMPNF/E. Cunha)

Em Penafiel³², como por toda a região, conhecemos muitos destes sítios arqueológicos implantados no *ager*, de época romana, mas poucos foram escavados. Neste município apenas um lugar de habitação (Bouça do Ouro,

³² SOEIRO, Teresa - Monte Mozinho. Apontamentos sobre a ocupação entre Sousa e Tâmega em época romana. *Penafiel. Boletim Municipal de Cultura*. Penafiel, 3ª série, vol. 1 (1984), p. 5 - 323.

Boelhe) foi alvo desse investimento. Podemos dizer que estas aldeias romanas eram uma alternativa contemporânea de outras modalidades de ocupação das áreas abertas e baixas, como o casal, exemplificado pelas duas casas recuperadas na Bouça do Ouro (Boelhe), nas margens do Tâmega³³. Neste caso não temos a necrópole, somente um vaso completo que dela proviria. Outros casais da mesma dimensão podiam existir nesta encosta voltada ao rio, apenas intuídos a partir de vestígios à superfície. Muitos povoados abertos com a dimensão de aldeias, testemunhados pela multiplicação de vestígios de habitações e pelas incontáveis notícias e espólios de necrópoles recolhidos nos museus³⁴, patenteiam a densa ocupação do habitat rural, que não nos fará esquecer os pólos urbanos, cidades como *Bracara Augusta* ou centros secundários como *Magnetum*

Pela mesma época baixo imperial regressava-se a alguns castros, e Monte Mozinho ilustra bem a retoma de povoados de altura. No Castro, contudo, verifica-se que para nesta ocupação tardia foi seguida uma diferente utilização da topografia, com abandono da coroa em favor das abas, e novos modelos construtivos, casas complexas de modelo romano, não faltando as necrópoles de inumação, que poderiam ter sido extensas.

A necrópole romana de Monteiras, serviu de local de sepultura a populações que, possivelmente, viviam no povoado próximo, a menos de cem metros, onde se encontrou um tesouro numismático dos séculos III/IV. Outro tanto podemos dizer do cemitério de Montes Novos, com o seu núcleo habitado nas imediações.

³³ SOEIRO, Teresa - O sítio romano da Bouça do Ouro, Boelhe. *Cadernos do Museu*. Penafiel, vol. 4 (1998), p. 5-62; PÉREZ LOSADA, Fermín - Cidades e aldeias na Galiza romana: uma proposta de classificação hierárquica do habitat galaico-romano. *O Arqueólogo Português*. Lisboa, série IV, vol. 16 (1998), p. 171. Na hierarquia proposta por Jorge de Alarcão, este sítio talvez coubesse na categoria da granja: A paisagem rural romana e alto-medieval em Portugal. *Conimbriga*. Coimbra, vol. 37 (1998), p. 92 e segs., Est. III.

³⁴ Além dos casos inventariados em Penafiel, veja-se o elevado número de cemitérios reconhecidos através notícias e/ou espólio, por exemplo nos municípios de: Paços de Ferreira (SILVA, Armando Coelho Ferreira da - Paços de Ferreira. As origens do povoamento: do megalitismo à romanização. *Paços de Ferreira. Estudos monográficos*. Paços de Ferreira: Câmara Municipal de Paços de Ferreira, 1986, p. 118 e segs.), Santo Tirso (MOREIRA, Álvaro de Brito - *Castellum Madiae. Formação e desenvolvimento de um «aglomerado urbano secundário» no ordenamento do povoamento romano entre Leça e Ave*. Santiago de Compostela, 2009, v. 1, p. 129-175 (diss. doutoramento) ou Amarante (PORTELA, Maria Helena Teixeira Ribeiro - *Necrópoles romanas do concelho de Amarante*. Porto, 1998 (diss. mestrado) e ainda o abundante espólio de necrópoles vimaranenses existente no Museu da Sociedade Martins Sarmento. Para uma visão mais abrangente das referências a cemitérios romanos na região e do país: ALARCÃO, J. de - *Roman Portugal*. Warminster: Aris & Phillips Ltd, 1988; ABREU, João Manuel Ferreira - *Necrópoles romanas do território português*. Porto, 2002 (diss. mestrado).



Figura 22 - Estela funerária de Capela, Penafiel (Fot. F. Albuquerque)